

CARTOGRAFIA DE SI: REGISTROS COMPARTILHADOS NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ESTILISTA ANDRE LIMA

Souza, Yorrana Maia de; Mestranda do Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura; Universidade da Amazônia; yosouza@globo.com

Resumo

Este texto pretende pensar a criação em processo, por seus labirintos inacabados e itinerários em movimento, a partir dos registros-pistas do estilista paraense André Lima. Ora particulares, mas cada vez mais compartilhadas na rede, essas pistas de seu processo criativo mostram uma nova cartografia biográfica que incorpora outras peculiaridades nesse rizoma que forma tanto o estilista quanto suas coleções.

Palavras chaves: processo de criação; registros compartilhados; André Lima

Abstract

This essay intends to think about the creation process by its unfinished mazes and moving routes from the tracks and records left by the designer Andre Lima, born in Pará state. These tips of his creation process, still private, but increasingly been shared at the network, show a new biographical map that incorporates other peculiarities in this rhizome forming both the designer and his collections.

Keywords: creation process; shared tracks; André Lima

O começo. Belém do Pará. Final dos anos de 1980. Uma cidade que transita entre o urbano e a natureza; o sagrado e o profano; o quase silêncio do rio e o(s) barulho(s) da sua gente, feiras, festas; o mundo do colonizado e do colonizador; credices populares e a ciência.

Próxima parada. São Paulo capital. Começo dos anos 1990. Avenida Paulista. Cidade grande. Linha de fuga de tantos pontos do Brasil. Micro-territórios formados por pessoas em deslocamento. Silêncios solitários, mas em movimento. Fluida; rápida; híbrida; aglomerada.

“Quem disse que a cartografia só pode representar fronteiras e não construir imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos?” (BARBERO, 2004, p. 12)

Pesquisar o processo de criação em Moda, a partir dos registros que o criador guarda em seus abrigos temporários e movediços, é mover-se entre pistas em fluxo que exigem do pesquisador outro tipo de mapeamento, que se interessa mais na construção das ideias do que apenas nas coleções acabadas. “Eis aí o sentido do método da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas.” (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2010, p.10)

Para Deleuze e Guattari (1995, p. 32-37) um rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, ele não começa nem conclui, encontra-se sempre no meio, entre as coisas, inter-ser. Refere-se a um mapa de múltiplas entradas e saídas, feito de direções movediças, de linhas; linhas de segmentaridade, nas quais o rizoma é organizado e territorializado, mas há também rupturas, desterritorializações que explodem em linhas de fuga, que não param de se remeter umas às outras e, portanto, reencontrar nelas organizações que reestratificam o conjunto.

Sob o ponto de vista desse itinerário rizomático por vir, a partir do método da cartografia, princípio do rizoma, saímos em busca da criação em processo do estilista paraense André Lima e sua trajetória formada por uma multiplicidade de pistas por ele deixadas e suas conexões. Pistas-registros em abrigos particulares, como esboços, croquis, anotações, cadernos. E, principalmente, pistas-registros compartilhadas nas redes sociais pelo estilista.

Os questionamentos iniciais surgem dessas reflexões preliminares: os encontros rizomáticos entre os espaços local, global e virtual encontram-se refletidos no processo de criação do estilista André Lima? Como entender esses fragmentos de pistas numa sociedade contemporânea cada vez mais inserida no ciberespaço? Quais paisagens compartilhadas se formam e se misturam com os registros dos abrigos particulares?

O ponto de partida dessa pesquisa em processo foi a construção do mapa n.01: entrelaçamento dos fragmentos compartilhados pelo estilista no

Twitter, Facebook e Instagram¹. Para Salles (2004, p. 19) os rastros funcionam como fragmentos do pensamento criativo que se repetem e deixam aflorar o ato criador. O interesse não está em cada forma separada, mas nas redes rizomáticas que são formadas no estabelecimento das relações entre eles. Levando em consideração que André Lima compartilha pistas de seu processo de criação nessas redes sociais, é estabelecido outro modo de pensar a construção de si e de suas coleções, pois os registros não habitam apenas os espaços íntimos, como o do caderno de esboços, mas também passam a ser compartilhados nos espaços virtuais.

Para Le Bretton (2003, p. 146) o virtual apresenta outros usos para o corpo, favorece a pluralidade de si, onde o sujeito é uma autorização para a experimentação de possíveis. Portanto, nossa cartografia de múltiplas entradas e saídas inicia entre Belém e São Paulo e outros lugares reais e principalmente virtuais que perpassam a memória individual, coletiva e virtual e atravessam a vida do criador André Lima.

Em busca de um mapa biográfico em processo: fragmentos de si

Em uma região tão propícia à ficção e ao trânsito livre de imaginários, a realidade torna-se difusa mesmo deixando transparecer os seus contrastes, uma economia rala não condizente com as gigantescas dimensões da Amazônia. (...) Penso na paisagem impositiva, nos superlativos, na intensidade do verde, na imagem que se espalha e se amplia em nosso imaginário (...) (MOKARZEL, 2010, p. 73)

André Lima é um estilista que transita por territórios fragmentados, fluidos. Um criador dos superlativos, de trânsito livre de imaginários, longe de buscar territórios fixos e rasos, o estilista busca nas contradições, angústias, investigações e experimentações ser tomado por algo que jamais imaginou anteriormente. Haesbaert (2011, p. 37-127) entende por território e territorialidade a espacialidade humana. Para ele o território é um ato, uma ação, uma rel-ação, um ritmo, um movimento que se repete e sobre o qual se exerce um controle. Por entendermos que a Moda traduz o seu tempo e a espacialidade de seus criadores nesse sentido de movimento-ação em relação às suas territorialidades, bem como de quem usa suas criações e de todos nós

¹ Aplicativo de compartilhamento e tratamento de fotos projetado inicialmente para uso em aplicativos móveis Apple IOS. Disponível em: www.wikipedia.org/wiki/instagram

que interagimos e nos comunicamos também através das roupas, buscamos entender quais os territórios em que circula o estilista André Lima e suas desterritorializações.

Para Deleuze e Guattari (1997 apud Haesbaert, 2011, p. 127) a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, é a operação da linha de fuga e a reterritorialização é o movimento de construção do território. No primeiro movimento, os agenciamentos se desterritorializam e no segundo eles se reterritorializam como novos agenciamentos. E ainda, para os dois autores, o pensamento se faz no processo de desterritorialização. Pensar é desterritorializar. Isto quer dizer que o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo é necessário romper com o território existente, criando outro. Novos agenciamentos são necessários. No entanto, a desterritorialização do pensamento é sempre acompanhada da reterritorialização, que é a obra criada.

Neste sentido a desterritorialização e reterritorialização opera tanto no sentido do deslocamento físico e virtual do estilista quanto no sentido da construção do pensamento rompendo com o território existente em busca de criar algo novo, portanto do processo de criação deste estilista. Construção de territórios de si atravessados por seus deslocamentos.

Se para Canevacci (1993, p. 35) “compreender uma cidade significa colher fragmentos” atravessados por fluxos desordenados; perder-se por ela; estranhar o familiar e transformar em familiar o estranho; e lançar entre esses fragmentos um encruzilhamento capaz de encontrar uma pluralidade de significados, portanto cartografar os territórios reais e virtuais. Nesse entrecruzar cartográfico, nessa junção de territórios reais e virtuais pelos quais o estilista transita é colher fragmentos desses (ciber) espaços para melhor compreender como se dá a multiplicidade das relações não lineares da pesquisa e do processo de criação em Moda na contemporaneidade, na qual assume outro ritmo e outra configuração de tempo e espaço. Para isso é preciso livra-se dos velhos mapas para então “construir um mapa aberto, conectável em todas as suas dimensões, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de toda natureza.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22)

André Lima começou sua carreira ainda em Belém no final dos anos 1980. Mudou-se para São Paulo no início dos anos 1990. Participou do Mercado Mundo Mix e foi diretor de criação da marca Cavalera. Em 1999, desfilou sua primeira coleção feminina na Casa de Criadores. Em 2001, apresenta sua coleção pela primeira vez no São Paulo Fashion Week², inspirada na mistura entre o profano e o sagrado do Círio de Nazaré³, em uma imagem de Diana Vreeland e em espanholas, prostitutas. Desenha peças como camisolas de cetim com renda, amuletos, flores e vestidos feitos com bandeira do Iron Maiden. Hoje o estilista é um dos nomes mais importantes da moda contemporânea brasileira a desfilarem no SPFW.

Preciosa (2009, p. 3), ao refletir sobre a moda contemporânea, comenta como a nossa cultura parece mover-se aglutinando informações, devorando e intervindo no repertório selecionado, com vistas a produzir outros arranjos. Afinal, vestimos formas que nos projetam num espaço físico e afetivo, num espaço simbólico de trocas culturais, invenção e reinvenções subjetivas.

É importante entendermos o papel da memória nessa cartografia das multiplicidades. De acordo com Halbwachs (2006, p. 57), a memória individual é resultado de uma complexidade de combinações, imagens, pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos, portanto a memória individual carrega uma memória coletiva.

Sendo assim podemos considerar que as redes de memórias remontadas pelo estilista não são individuais e isoladas; elas estão inscritas no coletivo, nos acontecimentos e territórios ao seu redor, nas trocas culturais. Deste ponto de vista, podemos entender que uma coleção de moda é atravessada por outros discursos e por uma rede de memórias constituídas pelos encontros que o estilista, enquanto criador, vai absorvendo a fim de criar novos sentidos, que não necessariamente estão apenas na roupa em si, mas nos seus registros e, portanto, no seu processo inacabado.

Por meio dos registros da criação o estilista elabora a construção de si e de seus projetos, neles guarda parte do seu universo inacabado: aquilo que estimula seus sentidos, suas escolhas, experiências e memórias. “Registros

² SPFW é o maior evento de Moda do Brasil, realizado na Bienal de São Paulo, considerado o calendário oficial da Moda brasileira.

³ Procissão religiosa de Nossa Senhora de Nazaré, que acontece no segundo domingo de outubro na cidade de Belém do Pará.

em caderno de esboço vão se tornando guia turístico por fragmentos de uma paisagem por vir, assim como a roupa, também fragmento de si". (GRACIOTTI, 2010, p. 6).

Assim, passamos a assumir dois tipos de registros que devem ser analisados por lentes diferentes: aqueles que pertencem ao universo particular do criador e aqueles, foco deste artigo, que são publicados e compartilhados e, portanto permitem o acesso e a interação com o outro, diferente tipo de elaboração de si, numa tensão entre o eu e o outro.

Para Le Breton (2003, p.155):

As fronteiras de identidade entre a pessoa e a ferramenta às vezes desaparecem; novas formas de intimidade surgem com uma máquina percebida como viva e que até demonstra sentimentos inteligente o bastante para promover uma interação produtiva e que dá acesso a todo um universo de conhecimento e de comunicação. O computador transforma-se em parceiro na vida, em companheiro, em abertura para o mundo.

Portanto, desses fragmentos compartilhados começamos a construção de um mapa n.01, sem a intenção de compreender ou achar respostas, mas de imergir, de desacomodar, desterritorializar.

No mapa aberto n.01 encontram-se as seguintes imagens: mulher; detalhe; flores; feminino; cotidiano; animais; floresta; seres encantados; bibelô; estampas; diva; santo; entidade; iemanjá; triângulo; carvalho; música; Maria Bethânia; memória; preto; branco; listras; geométrico; mulher maravilha; imagem; vestido; orgânico; espaço; vazio; cheio; ateliê; cidade; prédio; micro; macro; heroína; repetição; festa de aniversário; carnaval; São Paulo; Rainha das Rainhas; bota; salto; folha; vestido longo; quadrado; lanterna oriental; pontiagudo; luz; bicho; África; costela de Adão; fotografia; preenchido; tecido; volume; textura áspera; ilusão de ótica; família; retrato.

Em um primeiro movimento apressado fomos agrupando essas imagens-fragmentos em busca de uma coerência, linearidade que pudesse nos dar pistas sobre o processo de criação do estilista. Pausa. Considerando que os deslocamentos reais e virtuais e principalmente suas desterritorializações marcam a biografia rizomática de André Lima, o mapeamento também deve se dar dessa maneira. Fomos em busca de linhas de fuga que formassem outras ilhas e que pudessem indicar seu processo de criação.

Em busca da trajetória da criação deste estilista a partir do emaranhado dessas linhas que formam essas ilhas a deriva, as coerências são deslocadas para dar espaço ao inacabado, ao caos, ao processo no qual podemos perceber e identificar sua trajetória criativa. Para Barbero (2004, p. 12) nossos mapas contemporâneos assumem o desenho do arquipélago, pois desprovido de fronteira que o una, o continente se desagrega em ilhas múltiplas e diversas, que se interconectam em terras-ilhas.

Entender o lugar de onde fala André Lima é pensar nestas ilhas múltiplas e em pontos de encontro de extremos. Ele mesmo diz que o seu fluxo de criação é ininterrupto, que raspas e restos lhe interessam. Um estilista que desenha transitando entre Belém, São Paulo e outros tantos lugares, com um fluxo intenso de repertório construído em tempos velozes e de espaços cada vez mais desterritorializados.

Logo, suas criações carregam fragmentos desse fluxo e seus documentos de processo formam mapas biográficos do criador, que revelam seus registros, rascunhos, rasuras, rejeições, linhas de fuga e suas conexões não lineares que formam ilhas de referências em processo. “Pensar o arquipélago é, então, indagar o novo tipo de *logos* que interconecta o diverso.” (BARBERO, 2004, p. 13)

Estas ilhas mostram a multiplicidade em que o criador guarda parte do seu universo: aquilo que estimula seus sentidos, suas escolhas, experiências, integram suas memórias e seus projetos em construção. São espaços povoados por centenas de percepções, lembranças, conceitos, imagens, sons, palavras, links, posts. Trata-se de um entra e sai infundável, que se dá num movimento constante de desterritorialização e reterritorialização do pensamento.

Nos processos de criação do estilista paraense André Lima, a memória vale como uma pororoca altaneira e estrondosa, lambendo o que vê pela frente, pelos lados, pelas costas. Ele faz roupas como um espectador do mundo voltado às pequenas mecânicas do cotidiano, aos processos de deslocamento das idéias, aos devaneios da invenção.

Talvez por ter sua origem na exuberância amazônica que invade as ruas de Belém, André acostumou-se desde moleque a conviver com uma abundância de minúcias. Paus, pedras, fins de caminhos, folhas de mangueiras, ventos, cheiros, chuvas, gritos de aves, mulheres, avenidas, procissões, motor de voadeiras, cochichos de comadres, grandes varandas, vidros coloridos, sons da noite equatorial, silêncios, zumbidos. Dessa mistura vem sua loucura. Caixa de ressonâncias. (LOGULLO, 2008, p. 17-18)

Como podemos notar nos fragmentos desse mapa n.01 o universo feminino tem papel fundamental no processo de criação de André Lima. Num casarão dominado por mulheres, o estilista cresceu transitando pelo universo feminino. Tecidos, saias rodadas, estampas, espelhos, atravessados pela malemolência dos quadris, pela presença das tias, da avó costureira, mãe, irmã, pela imagem da Rainha das rainhas, pelos vestidos e bonecas que ocupavam os compartimentos da casa. Seu pai, comerciante de tecidos no interior, levava-o para encomendar os cortes que comercializava. Ele próprio diz que as lojas de tecidos eram a sua Disneylândia. (LOGULLO, 2008)

Entre panos, TV em cores, Sônia Braga, Maria Bethânia, o travesti paraense Marleni Dietrich, a atriz Marlene Dietrich, a força da natureza na Amazônia, a bagunça sacrossanta do Círio, o pós-moderno, o chitão, a Avenida paulista, André Lima foi se des-re-territorializando e construindo seus mapas.

Se considerarmos que para Guatarri (1992, p. 169) o sujeito contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado e sua subjetividade pertence ao reino de um nomadismo generalizado, tanto nos níveis mais singulares da pessoa quanto nos níveis mais coletivos, podemos afirmar que a própria mistura, contradição e busca incessante pelo novo e pela não-linearidade fazem de André Lima um criador que traduz em suas coleções o lugar de onde fala, pois constrói roupas sempre cheias de misturas, híbridas.

Ao pesquisar sobre esses volteios na memória do estilista e pelos fragmentos compartilhados nas redes sociais, começamos a entender suas paixões por vestidos, pela abundância de referências e cores, pelo corpo sensual feminino, pela experimentação através do tecido, pelos extremos. Transitando entre Belém, São Paulo e onde mais sua sensibilidade puder explorar, André Lima é um tradutor do seu tempo e de seus territórios. Reflete a inquietação e a busca por novos itinerários em suas coleções, como uma “atmosfera de acolhimento para pensamentos em processo, para gente em processo, surpreendida pela força de invenção de si, com todos os atrapalhamentos e fragilidades que isso implica”. (PRECIOSA, 2010, p. 15)

Rasps e restos temporários

Nesse entrecruzar cartográfico entre os territórios reais e virtuais pelos quais André Lima transita podemos perceber que o ato de criação se dá de maneira rizomática; um mapa de múltiplas entradas e saídas de registros que se misturam entre espaços particulares e os espaços compartilhados nas redes sociais. Novas construções de si.

Desenvolver uma coleção em moda é antes de tudo essa manifestação do desejo de se expressar através de roupas, que se inicia ao olhar esses mundos e descobrir novas possibilidades. Uma continuidade que não é fruto de uma única boa idéia, mas de um processo em construção. Um ir e vir infundável.

A partir desse primeiro mapa de fragmentos compartilhados nas redes colhemos e conectamos nossas primeiras pistas-registros em forma de ilhas para entender o processo de criação do estilista André Lima. Um arquipélago em movimento que nos permite entender que o processo de criação em Moda na contemporaneidade assume outro ritmo e outra configuração territorial.

André Lima é esse estilista em des-re-territorializações. Assume em suas coleções o que atravessa e afeta seu olhar, um repertório rizomático formado pela confluência do trânsito deste estilista no ato de criar.

Referências

BARBERO, Jesús Martín. **Ofício do cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1993

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia. Vol.1**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

GUATARRI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GRACIOTTI, Thais; MORAES, Mariana. **Fragmentos de conversas sobre roupas e paisagens**. In: 6º Colóquio de Moda, 2010, São Paulo.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papius, 2003.

LOGULLO, Eduardo. **Vale das bonecas**. In: Andre Lima: Coleção Moda Brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MOKARZEL, Marisa. **O dia em que Marina Abramovic visitou a Amazônia**. In: Amazônia, a arte. Curadoria: Orlando Maneschy; Consultoria: Paulo Herkenhoff. Rio de Janeiro: Imago, 2010

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana de. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010

PRECIOSA, Rosane. **Pensar a Moda Brasileira como um lugar de contaminações: algumas reflexões preliminares**. In: 5º Colóquio de Moda, 2009, Recife.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escrita em processo**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004.